

# Heidegger e Melanie Klein: Gratidão e Recordação\*

ANTONIO MUNIZ DE REZENDE \*\*

O “Jornal de Psicanálise”, revista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, propôs a seguinte questão: o que é um psicanalista? Pergunta difícil de responder. Fiquei pensando, em termos pessoais, como gostaria de ser identificado. Acho que como alguém que tenta pensar psicanaliticamente a Psicanálise. Com isso, já estou também anunciando o tema desta palestra. Os textos a serem lidos são: de Heidegger, o volume “Que significa pensar?”, que pode ser encontrado tanto no original “Was heisst Denken?”, como na tradução francesa “Qu’apellet’on penser?”, e de Melanie Klein, “Inveja e Gratidão”.

Começarei com as palavras de Heidegger na terceira lição: “O que é que denominamos com essas palavras: pensar, pensado, pensamento? Para que âmbito da linguagem estão elas apontando? O pensado, onde é que fica? Ele necessita da recordação.”

Ao pensado e seu pensamento - GEDANK - pertence a gratidão - Dank”. O jogo de palavras em alemão é importante porque, na realidade, o que Heidegger está mostrando é que há uma afinidade não apenas etimológica mas a partir daquilo mesmo que é a vida destas palavras, a partir do interior, de dentro. Seria necessário ler o texto todo de Heidegger para em seguida confrontá-lo com o de Melanie Klein.

Com esta pequena introdução estou querendo mostrar como o título “Recordação e Gratidão” é ao mesmo

tempo kleiniano e profundamente heideggeriano. Citei uma frase de Heidegger e cito agora uma de Melanie Klein. Esta por exemplo: “A gratidão acha-se estreitamente ligada à generosidade. A riqueza interna deriva de haver-se assimilado o objeto bom, de sorte que torna possível ao indivíduo assimilar um mundo externo mais amistoso, decorrendo daí a sensação de enriquecimento”.

Essa é a minha introdução. Gostaria de acrescentar algumas informações biográficas. Melanie Klein nasceu em 1882, Heidegger em 1889. Eles são contemporâneos. Não sei se Melanie Klein leu Heidegger e nem se Heidegger leu Melanie Klein. Suponhamos que não. Fica mais interessante ainda. Em uma publicação recente, organizada por Elias Mallet da Rocha Barros, ele introduz uma pequena nota dizendo que Melanie Klein costuma ser apresentada como psicanalista britânica. Não! Ela nasceu em Viena, é Austríaca, tendo sido analisada por Ferenczi, em Budapeste, e posteriormente por Karl Abraham, em Berlim. Somente em 1925 é que foi para Londres. Para lá levou alguma coisa que trazia consigo. A escola britânica de Psicanálise é devedora

\*\* Psicanalista, Membro Associado do SBPSP; Membro do Departamento Científico Cultural do Centro de Estudos de Psicanálise.

\* Palestra proferida dia 24-08-93 no Instituto Sedes Sapientiae, sob patrocínio do “Curso Formação em Psicanálise”.

a Melanie Klein de algo que ela trouxe do mundo austro-germânico. Aliás, como também Freud. Estou me referindo a isto porque acredito, junguianamente, num inconsciente cultural, num inconsciente coletivo. Acho que Melanie Klein e Heidegger têm muita coisa em comum. Se não se conheceram durante a vida, se um não leu o outro, melhor ainda. E a confirmação de um "back ground" cultural comum nós poderemos encontrar no tema que hoje vai ser desenvolvido. Acrescentaria que Melanie Klein teve um cliente importante, Wilfred Ruprecht Bion. Uma das coisas que a mim impressiona cada vez mais é o privilégio que Bion reconhece ao pensar, ao pensamento. Para mostrar como isso é importante, farei uma comparação. Ali onde Lacan privilegia a linguagem, Bion privilegia o pensamento. Algumas pessoas pensam que isso ocorre com Bion via Kant. Mas quanto mais frequente a obra de Bion, mais me convenço de que esse privilégio atribuído ao pensar ele deve muito mais a Melanie Klein do que a Kant.

Numa aula que proferi na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo tentei trabalhar essa idéia, respondendo à seguinte pergunta: é possível simbolizar a incógnita? Porque a mente é uma incógnita. Bion a chama de O, realidade última. E a resposta é a seguinte: a incógnita, por definição, é incognoscível; não há conhecimento da incógnita. Mas ela faz pensar. É a incógnita que desenvolve o pensamento. A Psicanálise de Bion, muito mais que conhecimento, é pensamento. E, eu acho, que ele deve isso a Melanie Klein, em relação à prática da Psicanálise. É claro que há também outras fontes.

Fiz a pergunta: é possível simbolizar a incógnita? Uma das principais contribuições de Melanie Klein para Psicanálise e para o pensamento psicanalítico é o que ela diz a respeito do símbolo. Um trabalho seu muito conhecido, e que reputo de importância fundamental, chama-se "Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego". A importante contribuição de Melanie Klein neste particular é exatamente uma concepção afetiva do símbolo - ao contrário de Lacan, por exemplo. Lacan deu uma extraordinária contribuição à Psicanálise ao distinguir o real, o imaginário e o simbólico. Para ele, o simbólico é como uma instância superior, que não depende de

nenhum de nós. É a instância de nomeação, a partir da qual podemos discriminar e dar nome às diversas coisas. Não digo que a posição de Melanie Klein seja contrária à de Lacan, mas ela traz, certamente, um aspecto complementar. Para Lacan, o simbólico fica, por assim dizer, acima do humano; para Melanie Klein, ele é profundamente humano, encarnado mesmo na experiência humana, na experiência de sermos humanos. A tal ponto que, falando kleinianamente, proponho que se traduza a palavra grega "symbolon" por cópula. O símbolo do humano é masculino/feminino, isto é, a reunião da diferença, a reunião dos diferentes.

Assim como Heidegger, através da etimologia, nos remete ao sentido mais profundo das palavras, também Melanie Klein. Ao nos falar de símbolo, ela nos remete ao sentido primitivo desta palavra: o símbolo era "um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Cada uma conserva o seu fragmento. Quando mais tarde se reencontram, elas se servem de seu fragmento para se fazerem reconhecer. Com o reconhecimento, são reintegradas numa função nova com um nome também novo". É importante chamar a atenção para o fragmento que é conservado. A conservação do fragmento significa, simbolicamente, o próprio vínculo existente entre as pessoas. Existe um vínculo entre as pessoas que romperam o objeto primitivo e conservaram seu fragmento como sinal de amizade que havia entre elas. A partir do contexto homérico, semelhante concepção de símbolo é a que se verifica no mito da Odisséia. Homero nos mostra Ulysses deixando Penélope e Telêmaco. Ele vai, mas Penélope fica e continua fiando. O fio, a fiação, o tecimento, é a vinculação. Fiava para manter o vínculo com Ulysses, pois, na realidade, ela foi literalmente assediada pelos pretendentes. Eles queriam ocupar o lugar de Ulysses, no trono e na cama. Isto é, queriam que ela rompesse o vínculo, o compromisso com Ulysses, para se casar com um deles. Ela, no entanto, permaneceu fiel: fiando, simbolicamente, de dia e desmanchando de noite. Em relação a Ulysses, há também uma passagem também simbólica, na travessia do estreito das sereias. Ao ouvir o canto das sereias, Ulysses pediu aos companheiros que o amarrassem

fortemente no mastro do navio para que, apesar de todos os chamados, de todas as seduições, ele permanecesse fiel, isto é, ligado. Só que para ligar Ulysses foi preciso uma corda e não apenas um fio, como para Penélope. Tudo isso é simbólico.

Pretendo agora estabelecer a relação com Heidegger. Encontramos nele essa mesma problemática a partir da etimologia alemã, mas também a partir da latina. Pensar, diz Heidegger, é pesar. A palavra latina para pensar é o correspondente de ponderar. *Pondus*, em latim, é peso. Pensar é ponderar, é avaliar o peso das coisas, o peso dos afetos, o peso de nossas idéias. Pensar é pesar. E, para ele, o que merece ser pesado são as coisas graves. Grave no sentido latino da palavra, as coisas que têm peso. As coisas que têm peso são as coisas fundantes, os fundamentos.

É surpreendente a ligação entre pensar e recordação. Em grego, verdade é *alétheia*. Decompondo a palavra, temos o “a” privativo; e “*lethe*”, o esquecimento. A verdade é o não esquecimento, o não esquecido. O outro sentido da palavra verdade é desvelamento. Heidegger mostra isso muito bem. O que é desvelado é aquilo que foi ocultado. E o que foi ocultado é o desejo. O desejo enquanto negado, recalcado, reprimido e não realizado. Mas, isso é um outro assunto. Aqui queria ressaltar apenas que pensar é pensar a verdade, e pensar a verdade é não deixar esquecer as coisas que merecem ser lembradas.

É o nosso poeta quem o diz: “Louvação, louvação... do que merece ser louvado”. Na tradição grega, o que merece ser louvado são os fundadores. Há um livro intitulado “O papel dos poetas na Grécia Antiga”, de Christian Détienne. O papel do poeta é exatamente este: não deixar esquecer. Por isso o nosso poeta diz que vai “louvar o que merece ser louvado”. Na versão épica, são os fundadores da pátria; na versão filosófica, metafísica e psicanalítica, são os fundamentos da nossa própria constituição, do nosso eu, do nosso self. Mas para pensar o que merece ser pensado, nos diz Heidegger, nós contamos com uma herança. A herança é tudo isso que recebemos, que vem de trás e constitui nossa própria história. Nesse sentido, a recordação é a memória do que merece ser pensado. Portanto, a memória dos fundamentos da nossa própria constituição.

Passo agora para Melanie Klein. Estou tecendo o texto de Heidegger com o de Melanie Klein. A expressão recordar é profundamente kleiniana porque a memória, no sentido mais profundo, é função do coração: reCOR-dar. Outro dia, procurei mostrar a diferença entre memória, recordação e reminiscência. A reminiscência é o lado, digamos, eterno. Nós não recordamos o passado, mas o presente da eternidade. É uma referência a Platão, mas é também filosofia hindu. E é o pensamento de um teólogo chamado Karl Barth. Na mística hindu, não é importante lembrarmos de nosso nascimento. O nascimento é um episódio histórico, do passado. Nós nos lembramos é deste instante agora, em que o “atma”, o respirar, é atual. É agora que estou vivendo, é agora que estou em contato com a fonte de vida. Por isso, a meditação hindu não se volta para o passado, mas para este instante presente, em que me encontro e encontro a fonte de vida. É agora que estou em contato com ela. A recordação para Melanie Klein é a própria conservação do vínculo. O símbolo era um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Cada um conserva o seu fragmento... Para Melanie Klein, o instante da separação é o nascimento.

Muitas vezes se diz que Melanie Klein faz análise de crianças. Eu acrescento: da criança que todos fomos e ainda somos... Em outras palavras, Melanie Klein não é tão somente uma especialista em análise de crianças, mas uma especialista na análise do infantil que há no adulto. Isso muda muito. Sobre isso, escrevi um artigo com o título: “Aspectos infantis na psicose de adultos”. Todos nós nos separamos ao nascer. E o que ficou em nós desta separação? Que possibilidade temos de conservar o vínculo? Um contexto clínico muito importante é exatamente a situação edípica. Estou trabalhando com um rapaz que tem evoluído muito. É um caso muito bonito. Na entrevista, no primeiro contato, na primeira sessão, ele me disse: “meu pai é um monstro, minha mãe é uma vítima”. Eu me perguntei, e perguntei ao longo de toda essa análise, com qual dos dois ele se identificou. O drama dele, até hoje, continua este, de não poder identificar-se com nenhum dos dois. Ele não pode manter um vínculo saudável nem com o pai (que era um monstro), nem

com a mãe (que era vítima). A problemática desse rapaz é a identidade sexual. O fragmento que é ele próprio, como instrumento do reconhecimento, ficou prejudicado. E sabem como? Ele tem fobia de assinar o próprio nome. Ele não pode apresentar-se. Quem é você? A esfinge o atormenta diariamente.

A memória e o reconhecimento dependem um do outro. Ao dizer isso estou trabalhando associativamente. Tenho que seguir o fio que me conduz no tecimento de meu texto. Não sou eu que conduzo o fio, ele é que me conduz. A palavra reconhecimento possui um duplo sentido: eu te reconheço; eu te sou reconhecido. Completo a frase, kleiniana e heideggerianamente, assim: só se reconhecem os que são reconhecidos entre si. A gratidão é fator de reconhecimento. A gratidão tem função cognitiva. Quando se estuda a metapsicologia dos processos cognitivos, descobre-se que a grande novidade (tanto para Melanie Klein como para Heidegger) é que a gratidão tem função cognitiva: conheço aqueles a quem sou grato; e, em sentido contrário, sou conhecido por aqueles que me são gratos. Daí, eu diria, a necessidade de completar esse livro de Melanie Klein ("Inveja e Gratidão") com um outro que escreveu conjuntamente com Joan Rivière, "Amor, ódio e reparação". Os invejosos não se reconhecem; os invejosos não são gratos entre si; os invejosos não têm possibilidade de simbolizar no reencontro. Inveja, nesse texto de Melanie Klein, é o contrário da gratidão. O drama do invejoso, seu sofrimento, seu sentimento de solidão, tem tudo a ver com a ingratidão; tem tudo a ver com a impossibilidade ou a dificuldade de reconhecer.

Deixem-me fazer um espécie de síntese para reequilibrar. Heidegger: Pensar, Dank, Gedank. Pensar, Ser grato. Pensar, pensar, avaliar, ponderar. Pensar, recordar, aletheia, não esquecimento. Pensar, guardar no coração. Pensar a herança, pensar o fundamento. Pensar as fundações, os fundadores, os pais. Pensar o que constitui. Pensar a identidade, pensar o reconhecimento, conhecer, reconhecer com gratidão. Pensar, pesar, recordar, guardar com afeto profundo a herança dos fundadores, que constitui a identidade e permite o reconhecimento. O ser. O ser eu mesmo com os outros.

A análise de Melanie Klein é um reencontro simbólico "O símbolo era um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Quando mais tarde elas se reencontraram... cada uma se serve de seu fragmento para se fazer reconhecer...". Quando mais tarde elas se reencontram. Reparem que o reencontro é ao mesmo tempo com o analista e consigo mesmo. O que levamos ao analista é uma dificuldade em nos reconhecermos, digamos assim, uma dificuldade em termos reconhecimento para conosco. Isto é, chegamos à análise trabalhados pela inveja de nós mesmos.

A inveja de si mesmo é uma noção muito séria e, às vezes, difícil de entender, porque a inveja, diz Melanie Klein, tem essa característica de não atacar as coisas más, mas as coisas boas. Podemos usar expressões que são nossas, usadas pelo povo, ao falar do "mau olhado". Essa expressão é usada porque a palavra inveja vem do latim in-videre, que é ver mal, com maus olhos. Ao invés de olhar as coisas boas com alegria e querer que elas cresçam, o invejoso olha-as com maldade, querendo que elas morram. Por isso, acrescenta Melanie Klein, a inveja é a função da pulsão de morte. A pulsão de morte atacando as coisas boas nos outros e em nós mesmos.

Quando peço análise, estou pedindo a alguém que me ajude a me reconhecer. Por que existe esse problema do reconhecimento? A resposta é de Heidegger, de Melanie Klein, mas é principalmente de nossa experiência: durante a história vamos adquirindo as marcas de nosso percurso. Na verdade, as marcas nos identificam e nos diferenciam. Existe uma frase latina que diz isso com elegância: "quan mutatus ab illo", como você está diferente daquele que conheci! Pois bem, essa diferença (tema heideggeriano e de Lacan) começa na separação que ocorre entre o bebê e a mãe, como condição de vida: sem diferenciação, sem distinção, a vida é impossível. A simbiose não é boa nem para a mãe nem para o bebê. É preciso que haja separação. Ela começa no nascimento e vai intensificando-se ao longo da história. Nós temos as marcas do nosso percurso.

É assim que, quando volta, Ulysses traz a odisséia no coração. Ulysses, em grego, é Odisseus, e odisséia o

seu percurso. Ele traz consigo o seu caminho, de tal forma que seu nome é a própria história. Ela é seu nome novo. É por isso que se requer um reconhecimento especial. Não basta trazer as impressões digitais. O reconhecimento no reencontro é problemático sempre. Quando li a tradução francesa, percebi que a língua francesa permite mais um jogo de palavras, que o espanhol e o português escondem. Em francês dizemos "reconnaissance". Naissance é nascimento. O reencontro, no reconhecimento, é também um nascimento. Eu diria, o renascimento do adulto. Por isso digo que Melanie Klein não trabalha só com crianças. Ela trabalha com o renascimento do adulto, que se torna possível na situação transferencial, onde o vínculo permite ressimbolizar todo o percurso; onde o guardado, o censurado, vem à tona, não mais como proibido, mas como integrado. É o que Melanie Klein denomina de objeto bom, objeto bom internalizado. É o objeto internalizado que permite nosso próprio reconhecimento.

Numa fase muito importante, Melanie Klein diz que "o sinal da integração do ego é quando é capaz de amar o objeto bom total, o objeto bom integrado". A integração do objeto corresponde à integração do ego. O contrário da integração é a situação "esquizado". Essa palavra significa fendido, cindido, partido, dividido. Aquela partição inicial, se não elaborada, transforma-se, ao longo da vida, numa situação esquizofrenizada. Viver a separação sem vínculo é esquizofrenizar-se. A separação individualizante só não esquizofreniza se houver vínculo, e se este vínculo for conservado e cultivado. Aliás, isso é Freud, é Melanie Klein, é Lacan. Quer dizer, a esquizofrenia acaba sendo, por assim dizer, o protótipo de todos os problemas mentais, com a dificuldade de reconhecimento, de integração, de unificação.

Cito mais uma frase de Heidegger: "Guardar na lembrança é recolher". Esse recolhimento é a própria atitude analítica na função de estar em contato com o mundo interno. E é recolhimento no duplo sentido da palavra: de interiorização, recolhendo em si mesmo, e colher, coletar, reunir o que foi plantado, semeado e deu frutos. Mercedes Sosa cantando Violenta Parra: "Gracias a la vida que me ha dado tanto". A gratidão para com a vida é o contrário da pulsão de morte. A

pulsão de morte me impele a atacar a vida e a achar que não há nada de bom, nada que preste. Ao contrário, a gratidão é vital e vitalizante, permitindo o reconhecimento mútuo na integração num todo novo, em que cada um ocupa o seu lugar no desempenho de uma função também nova. As sessões transcorrem num permanente contato com a pulsão de vida e de morte. Nos nossos momentos mais doentios, ou mais psicóticos, nós nos deixamos levar pela inveja, pela destrutividade e nos atacamos. Nos momentos em que estamos nos reintegrando, em que temos mais saúde mental dentro de nós, nós nos recolhemos, nos reunimos e nos ressituíamos.

Para terminar, por onde talvez devesse ter começado, vou dizer uma palavrinha sobre Filosofia e Psicanálise: Heidegger e Melanie Klein. Penso que essa união é possível, mas tenho observado que a Psicanálise questiona a Filosofia, pelo menos a Filosofia antes da Psicanálise, na medida em que não lidava com as coisas escondidas. Mas a Filosofia também questiona a Psicanálise no sentido de ajudá-la a pensar com os recursos do próprio pensamento. Refiro-me a isso porque uma vez estava fazendo uma conferência e alguém me perguntou se não estaria psicologizando a Filosofia. Penso que não. Estou tentando ver até onde o próprio pensar - gedanken - nos proporciona um conhecimento mais aprofundado de nós mesmos. Tenho uma formação filosófica, mas ganhei muito quando pude fazer a aproximação entre Filosofia e Psicanálise.

Gostaria de continuar conversando com vocês, num encontro que permitisse o reconhecimento mútuo. Gostaria de poder ouvi-los, para conhecer o pensamento de vocês. Do estranhamento ao recolhimento.

P1(1) - Vou me permitir fazer o que você estava propondo: pensar o que seja pensar. Fiquei no exercício de fazer algumas ligações a partir do que você trazia, da leitura da introdução ao texto de Heidegger "Qu'appellet' on penser" e de uma questão dos alunos que estão estudando Melanie Klein, que se perguntam sobre a relação entre a simbolização e a cognição. Eles tem dificuldade em entender a questão da simbolização

(1) P1, P2, P3 etc referem-se a questões levantadas por participantes da platéia, ao Dr. Rezende.

e da diferença entre o pensamento e o conhecimento. Como se coloca a dimensão psicanalítica da questão do pensar? Vou retomar um pouco meu fio, porque falei, por enquanto, na introdução ao Heidegger, mas muito ocupado e muito atento à questão da tradução. É uma questão proposta por um colega. A pessoa que escreve a introdução se preocupa muito em mostrar como Heidegger propõe que pensar é num certo sentido uma tradução. Vou fazer minhas próprias associações, lembrando a insistência na frase “escutar à maneira grega”. Entendo que a proposta é de que o pensamento a que Heidegger está se referindo seja alguma coisa que se faz pensamento dentro do seu próprio terreno, mas precisando ir antes para o exílio. É a questão do estrangeiro. O que é próprio é mais difícil de ser adquirido. Então, é preciso primeiro passar pela fase do estranhamento para depois reconhecer aquilo que num primeiro momento se precisou estranhar, inclusive para se ter a distância. A questão da distância coloca a questão da metáfora, que coloca questão da tradução para uma outra língua, mas dentro da própria língua. Estou fazendo um apanhado de alguma coisa extremamente complicada, que também não entendo, mas que estou colocando para ver se fica mais claro. Dentro desse contexto, fiquei muito ligada com Klein e o que você disse a respeito de recordação, pensamento e lembrança. Especialmente, no ato do meu pensamento, escuto uma frase do Dr. Rezende dizendo que “viver a recordação sem vínculo é esquizofrenia”; e pensei: viver com vínculo é viver tendo suportado a dor. A dor da posição depressiva, a dor da separação e a dor que dá o peso, o luto. A posição depressiva engendrando o luto, engendra a dor e a dor dá peso, pondus, de ponderar. Da dor ao ponderar e ao poder pensar. Pensar aí adquire um outro sentido diferente do sentido cognitivista da palavra.

Rezende - Acho que tudo isso precisaria ser pensado com mais calma. Começaria pela referência feita aos gregos - “escutar a maneira dos gregos”. Uma mudança importante, sobre a qual Heidegger insiste, é a mudança de modo para falar a respeito do pensamento. Um primeiro modelo aparece, por exemplo, no uso da palavra teoria. Esta palavra vem do verbo “oráo”, que é ver, olhar. Derivados de “oráo”, temos eidos, idéia. O mundo das idéias, o mundo do pensamento, segundo esse modelo, seria o mundo do ver, da visão e das coisas vistas. Eis que, de repente, Heidegger nos fala

de peso, de pesar e ponderar. Esta é uma mudança importante, assinalada também por Spinoza. Passamos do mundo das coisas vistas para o mundo das coisas que tem peso, têm valor, têm carga afetiva. Em vez de simplesmente olhar, pesemos e ponderemos. Esta passagem de “oráo” para pondus corresponde a uma mudança de vértice: do vértice teórico para o vértice existencial e afetivo. É uma passagem que humaniza e existencializa a problemática do pensar. Trabalho o grego por associação livre. Pergunto-me se a palavra “theoria” nós não deveríamos ver a presença de theos. Nesse caso, a teoria seria divina, seria o olhar dos deuses. E conhecer, segundo Platão, seria muito mais reconhecer, isto é, lembrar-se do que se viu quando se estava junto dos deuses, no mundo das idéias. Se a “theoria” é divina, o pondus não. Ponderar é carregar o peso de cada dia, o peso dos anos, o peso da história. Essa é uma mudança que não sei exatamente quando ocorreu, mas que é encontrada em Spinoza e especialmente em Heidegger. Esta é uma primeira associação ao que foi dito por você. A outra associação é a respeito do estranhamento e do estrangeiro. Temos que nos tornar estrangeiros, temos que partir para podermos voltar e sermos reconhecidos. a volta sempre é depois de uma partida. A separação é indispensável para haver casamento. Sempre pensamos que a separação vem depois do casamento. Não percebemos que quando há separação depois é porque não houve antes. Quer dizer, a impossibilidade do casamento ocorre com quem não se separou, não cortou o cordão umbilical, mas se manteve numa ligação simbiótica com a mãe. A censura, o corte do cordão umbilical, é que permite a individualização, a diferenciação e, portanto, o acesso a uma vida própria. Quem não se diferenciou, nem se tornou ele próprio nunca poderá se casar. A questão do estranhamento é a da diferença e do poder ser outro. Ninguém casa com um mesmo; só se casa com um outro. Costumo dizer que casamos sempre, várias vezes, com a mesma pessoa. O primeiro casamento é o da lua de mel. E acaba. O segundo pode durar até as bodas de prata. E pode também acabar. No fim é que as pessoas se casam mesmo. “Até que a morte os separe”.

P2- Estava pensando no casamento com as teorias psicanalíticas, Melanie Klein, Lacan, Freud. Pensava nestas associações que você trouxe a respeito da

verdade, com essa ressonância filosófica. Pensava na vantagem da simbolização psicanalítica e nesse lastro que você soube nos mostrar a respeito dos vínculos, e, com o vínculo, a dor. Pensava em como fazer fluir o pensar quando o vínculo é diferente.

Rezende - Gostaria de começar pela primeira frase, em que você mencionou o casamento com as teorias psicanalíticas, ou mais propriamente com os autores psicanalíticos. Eu quase diria, também em relação a esses autores, que só pode haver casamento se houver separação. Isto é, se tivermos uma personalidade que não faça alianças simbióticas, que não nos faça simbioticamente lacanianos, kleinianos, freudianos, kohutianos, winnicottianos. Na próxima bienal de Psicanálise vou apresentar um trabalho sobre a noção de simbolização como sendo um conceito psicanalítico capaz de reunir as diferenças psicanalíticas. Com uma concepção simbólica do símbolo, podemos casar a contribuição de Freud, Melanie Klein, Lacan e Bion, mas mostrando também a diferença e a complementariedade. A noção de símbolo é capaz de integrar as diversas concepções a que deu origem, sendo para isso indispensável poder pensar as diferenças. Em meu artigo, começo lembrando que Freud queixou-se de que, naquela época, a Filosofia não lhe oferecia um conceito de símbolo suficientemente elaborado para "explicar" os fenômenos simbólicos com os quais ele estava trabalhando. Daí ter ele feito uma tentativa progressiva de encontrar o simbólico, o simbólico propriamente dito, em sentido psicanalítico. Hoje a queixa de Freud já não se justifica, pois a Filosofia acha-se em condição de dar à Psicanálise a contribuição que não deu à Freud. Temos hoje um conceito de símbolo que nos permite aprofundar ainda mais alguns aspectos da experiência psicanalítica. No caso de Melanie Klein, um aspecto essencial é o vínculo; no caso de Lacan, a instância de nomeação, o nome do Pai. Dos três registros, que são o real, o imaginário e o simbólico, este último é o registro do sentido, de onde provém sentido para o mundo humano. Costumo trabalhar esta questão a partir do texto bíblico em que se faz o relato do sacrifício de Abrahão. Considerando-se desde um ponto de vista psicanalítico, o texto nos mostra como Abrahão é convidado a sair do registro do real e do imaginário para passar ao registro do simbólico. É

pedido a Abrahão que mate Isaac. Mas qual Isaac? O Isaac do seu imaginário. Abrahão tinha sonhado com uma descendência que fizesse dele "o pai de uma grande geração" e que dominasse sobre todas as outras tribos. Deus lhe pede que renuncie a esse sonho. Sem entender, Abrahão creu, renunciou ao imaginário e teve acesso ao simbólico. Com isso, tornou-se o pai de todos os que creram. "Deus pediu, deve ter sentido". Ao dizer isso, ele teve acesso ao sentido, ao Outro sentido. Abrahão é o primeiro a ter acesso ao simbólico. Na linguagem de Melanie Klein, acesso ao simbólico é o próprio reconhecimento na gratidão. Para ela, as experiências fundantes são simbólicas na medida em que reúnem sentido e afeto. Nesse sentido, ela é anti-platônica. Seio bom e seio mau não são essências platônicas, mas vivências cognitivo-afetivas com as quais tem início uma nova gramática. Todo substantivo é adjetivado. Não há seio só, o seio é bom ou mau. Esta é para Melanie Klein a origem das idéias. No começo, a palavra nasce do afeto. Depois é que intervém o processo abstrativo para separar o sentido e o afeto, o significante e o significado. A experiência inicial é simbólica e só depois é que se introduz o divórcio. Essas questões do casamento com as teorias psicanalíticas precisam ser muito bem pensadas. Costumo dizer o seguinte, repetindo Bion: Freud não interessa, não importa Lacan. O que importa é a mente. Não há casamento com uma teoria. O casamento é com a mente. Não interessa o Rezende. O que interessa é o que ficou como possível contribuição para vocês poderem pensar um pouco melhor a Psicanálise.

P3 - O que me ocorre é que o desvelamento é sempre acompanhado de velamento. Queria saber o que significa fazer análise. Será que há um movimento...

Rezende - Muito boa sua pergunta. Vou tentar responder não apenas em relação a Heidegger, mas em relação a experiência psicanalítica. Verdade é também desvelamento. Mas, o que está velado, o que está encoberto? O que é encoberto é o desejo, o desejo censurado, reprimido ou recalcado. Esta é a função da barra para Lacan. E o desvelamento é a tentativa de dar lugar ao desejo para que ele, como no sonho, possa realizar-se. Só que ele nunca se realiza. Este é o paradoxo do desejo: não se realiza, mas como a fênix renasce das próprias cinzas, reaparecendo de outra

forma. Numa linguagem mítica, a realização de desejo seria o paraíso. Antes, haverá sempre um deslocamento, haverá sempre um outro lugar em que ele reaparece. Talvez, dizendo com Lacan, o desejo é novamente encoberto, porque nunca é plenificado: a falta permanece. Dito de outro forma: "esta" sessão de análise nunca é a última. A vida mental continua. A verdade é a busca da verdade. Quem diz isso é Maurice Blanchot, que tem essa frase extraordinária: "la réponse est le malheur de la question" (a resposta é a desgraça da pergunta). A verdade é a questão, a verdade não é a resposta. A verdade é a incógnita. E há uma estreita relação entre a verdade e o desejo. A verdade é o desvelamento do desejo.

P4 - Sobre o sujeito do desejo e sua realização, eu diria que é impossível de ser desvelado. Há um mistério do desejo que, como tal, permanece desconhecido, velado. O desejo não tem nome.

Rezende - Acho que é isso mesmo. Talvez seria importante frisar esta sua última frase: o desejo não tem nome. Há alguns pontos de encontro entre Bion e Lacan. Lacan se refere ao falo, Bion fala de O. Eu traduzo isso dizendo que é o O que deu origem à Filosofia, é o oh! de admiração, do estranhamento, do encantamento. Num trabalho que comentei recentemente, Enrique Torres fala de "Uma perversão chamada desejo". Ele trabalha, freudo-lacanamente, mostrando que o objeto do desejo seria o corpo da mãe, numa regressão incestuosa, etc. Fiz uma proposta diferente a partir do mito de Narciso. O problema de Narciso e de sua não realização é que, finalmente, seu desejo é de ser Deus. E a lógica narcísica, uma lógica muito curiosa, o leva raciocinar assim: se Deus existisse, seria eu; ora, eu não sou Deus; logo, Deus não existe. Somente a ferida narcísica pode curá-lo de semelhante perversão delirante.

### O BOLETIM DE NOVIDADES

É uma publicação mensal da Livraria Pulsional - Centro de psicanálise, dedicado à divulgação de artigos, notícias e novidades bibliográficas psicanalíticas.

#### LIVRARIA PULSIONAL

R. Dr. Homem de Mello, 351 - Perdizes

05007-001 - São Paulo

Fone: (011) 262.8345